



MAIS UMA VÍTIMA

Início de mais um dia. Meus olhos cansados, abriram aos poucos. Além das cortinas rasgadas, o sol nem nascera, e as paredes úmidas daquilo que o intulo meu lar acentuavam o frio cortante do inverno em São Paulo. Minha xícara de café era a única coisa que me fornecia o mínimo de calor. Qual a sensação de olhar-se no espelho e sentir pena do próprio reflexo: Eu a conheço.

Enquanto descia as escadas estreitas da maior favela do Brasil, observava aquela imensa variedade de vida nas ruas. Trabalhadores como eu na marcha diária por uma vida melhor, e nessa metrópole apenas a esperança pode nos manter no rumo certo.

Mas aquele dia teria algo diferente. Desci do metrô e segui meu trajeto diário até a garagem de caminhões de lixo, pronto para mais uma jornada intensa de trabalho. No meio do caminho, pânico! Fui abordado por três rapazes, de aproximadamente 20 anos de idade, pele branca e bem vestidos. De mim nada poderiam roubar, era o que eu pensava. Mas eles conseguiram, roubaram minha esperança.

Fui jogado no chão, tive o rosto cuspidado, ouvi tudo o que não merecia: “Preto desgraçado”, “Tua raça é inferior”, “você nasceu para nos servir” eles gritavam. Agrediram-me nos graus mais profundos, feriram minha alma. Terminei desacordado.

Estava eu sentado na delegacia, ainda tonto, sendo acusado de assalto e olhando nos olhos dos agressores que alegavam “legítima defesa”. Fui punido, mesmo sendo inocente e, nesse momento, tornei-me apenas mais uma vítima do preconceito.

Eduarda Annes Trentin
1º ano do Médio / Itajaí
2014